

Intelligent Design: por que cientistas e cristãos criticam tal doutrina?

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



ID

1. O que é? Na ordem do dia, vejamos o que significa *Intelligent Design* para o bioquímico norte-americano Michael Behe que em seu livro *A Caixa Preta de Darwin*, desafiou com a sua tese do 'complexo irreduzível' a teoria da evolução de Charles Darwin. Nesta obra o autor propõe a teoria do ID [Intelligent Design] como causa eficiente do complexo irreduzível.

2. Motivação: Toda motivação de Behe se pauta no que proporia Darwin ao dizer: *Se se pudesse demonstrar a existência de algum órgão complexo que não pudesse de maneira alguma ser formado através de modificações ligeiras, sucessivas e numerosas, minha teoria nuiria inteiramente por terra* [Charles Darwin, *Origem das Espécies*, Belo Horizonte: Villa Rica, 1994, p. 161], ao que Behe responderia: *Para Darwin, a célula era uma 'caixa preta'-- suas operações internas eram completamente misteriosas para ele. A gora, a caixa preta foi aberta e nós sabemos como ela funciona. A plicando-se o teste de Darwin ao mundo ultracomplexo da maquinaria molecular e dos sistemas celulares que têm sido descobertos nos últimos 40 anos, nós podemos afirmar que a teoria de Darwin 'nuiu inteiramente por terra'* [Michael Behe, *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução*. Jorge Zahar Editor].

3. O que é o Complexo irreduzível? Segundo Behe algo é irreduzivelmente complexo por ser um sistema composto de diversas partes bem sincronizadas e interativas que contribuem para a função básica, onde a remoção de qualquer uma das partes faz com que o sistema efetivamente deixe de funcionar. Behe salienta que a célula não é mais uma misteriosa caixa preta como foi para Darwin, pois se sabe agora como ela funciona a nível molecular e como se encontra abarrotada de sistemas que são irreduzivelmente complexos. O fato da complexidade irreduzível dará, segundo Behe, uma nova perspectiva em biologia para não mais ignorar a presença evidente de um *intelligent design* [planejamento inteligente]. M. Behe segue os passos de Phillip Johnson, um professor de Direito na Universidade da Califórnia, em Berkeley, que com o seu livro *Darwin on Trial* [revisto em 1993] tem provocado os mais prestigiados evolucionistas do mundo, incluindo Stephen Jay Gould da Universidade de Harvard e Niles Eldredge, do Museu Americano de História Natural, com a sua proposta do *Inteligente Design*. O objetivo do movimento

do design/ planejamento inteligente é liberar a ciência de seus grilhões da filosofia naturalista -lê-se evolucionista- a fim de que os cientistas que pesquisam a origem das maravilhas da natureza tenham a liberdade de considerar todas as [outras] explicações possíveis, incluindo o design/ planejamento, por um agente inteligente. Muitos cientistas opuseram-se à teoria de Behe que com ela pretendia defender o *criacionismo*. Richard Dawkins é, talvez, o maior opositor dos criacionistas: *O rio que saía do Éden*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996 e *A escalada do monte improvável*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Mas será que a doutrina de Behe foi aceita impunemente pelos representantes da fé cristã que defendem o criacionismo?

4. Behe, O Papa e Darwin: Desde a publicação do seu livro, Behe esteve no olho do furacão respondendo a inúmeras questões dos seus opositores. Cristão católico, não foi poupado inclusive das críticas de autores cristãos. Em resposta, Behe imediatamente escreveu um artigo opinião/ editorial, que ficou um mês sobre a mesa do editor. Contudo, numa declaração do Papa João Paulo II, que correu mundo afora, feita em 25/ 10/ 1996 à *Pontifícia Academia das Ciências*, sobre a evolução, em que afirmava “novos conhecimentos científicos levam a não considerar mais a teoria da evolução mera hipótese... É digno de nota o fato de que essa teoria se tenha progressivamente imposto à atenção dos pesquisadores, posteriormente a uma série de descobertas feitas nas diversas disciplinas do saber”. Esta mensagem foi distorcida e foi passada como se o Papa promovesse a total aceitação da evolução, o que causou certo desânimo em Behe por não compreender a mensagem do Papa. O Papa, naquela mensagem de Outubro de 1996 à Pontifícia Academia das Ciências, reconheceu à evolução o caráter de teoria científica, em virtude da sua coerência com as opiniões e as descobertas de vários ramos da ciência. Ao mesmo tempo realçava que existem diversas teorias explicativas do processo evolutivo, entre as quais também algumas que para a ideologia materialista, na qual se inspiram, não são aceitáveis para o crente, sobretudo no que se refere à criação da alma humana diretamente por Deus. Mas neste caso não é a ciência que está em questão, mas uma ideologia. Uma síntese da doutrina católica a respeito deste tema pode ser lida no documento Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus, da Comissão Teológica Internacional de 2004.

5. Facchini x Behe: Fiorenzo Facchini, ex-Professor de Antropologia na Universidade de Bolonha, Itália, publicou recentemente, em 21 de Janeiro de 2006, o seu artigo Evolução e Criação no prestigiado órgão de imprensa oficial do Vaticano, *L'Osservatore Romano* e causou grande comentário mundial: 1) por parecer defender a posição oficial da Igreja Católica; 2) por criticar a

teoria do 'Intelligent Design' defendida por alguns cientistas cristãos, dentre eles Michael Behe e 3) ressaltar que a Igreja Católica não se opõe à doutrina evolucionista: *Como se sabe, os defensores do "intelligent design (ID)" não negam a evolução, mas afirmam que a formação de certas estruturas complexas não pode ter acontecido por eventos casuais, mas exigiu intervenções particulares de Deus ao longo da evolução e responde a um projeto inteligente. Excluindo o fato de que, contudo, não bastariam as mutações das estruturas biológicas, porque são necessárias também mudanças ambientais, com o recurso a intervenções externas suplementares ou corretivas em relação às causas naturais, é introduzida nos acontecimentos da natureza uma causa superior para explicar coisas que ainda não conhecemos, mas que poderíamos conhecer. Mas assim não se faz ciência. Colocamo-nos num plano diverso do científico. Se o modelo proposto por Darwin é considerado insuficiente, que se procure outro, mas não é correto sob o ponto de vista metodológico sair do campo da ciência pretendendo fazer ciência. A decisão do juiz da Pensilvânia parece, portanto, ser correta. O ID não pertence à ciência e não se justifica a pretensão que seja ensinado como teoria científica paralelamente à explicação darwiniana. Gera-se apenas confusão entre o plano científico e o filosófico ou religioso. Também não é exigida uma visão religiosa para admitir um desígnio geral sobre o universo. É melhor reconhecer que o problema sob o ponto de vista científico permanece aberto. Se sairmos da economia divina que age através das causas secundárias (quase se retraindo da sua obra de criador), não se compreende por que certos acontecimentos catastróficos da natureza ou linhas ou estruturas evolutivas sem significado ou mutações genéticas danosas não foram evitadas por um projeto inteligente. Infelizmente, na base de tudo isto deve ser também reconhecida certa tendência em cientistas darwinistas a assumir a evolução em sentido totalizante, passando da teoria à ideologia, numa visão que pretende explicar toda a realidade viva, incluindo o comportamento humano, em termos de seleção natural excluindo outras perspectivas, como se a evolução tornasse supérflua a criação e tudo se pudesse ter autoformado e ser reconduzido à casualidade.*

6. Reflexão filosófica: O que pensa a Igreja Católica sobre o tema? De que maneira os princípios da filosofia tomista lançam luzes sobre o tema? O Magistério da Igreja vê nos princípios filosóficos do Aquinate as razões suficientes para explicar que, com relação à origem da alma humana, esta não pode ter sido originada segundo a teoria da evolução materialista, pois não tem ela a sua origem do sêmen [STh I q118 a2 sol]. Encontra também na cosmologia tomista os princípios metafísicos que asseguram que o mundo teve a sua origem por criação [STh I q65 a3 c] e que isso não anula a possibilidade de que, a partir do criado, da potência da matéria primeira, fossem eduzidas novas formas substanciais originadas pela mescla das formas elementares que a informaram originariamente. Em outras palavras, a evolução não se opõe à doutrina da criação. Restrições são feitas às doutrinas

materialistas que reduzem à idéia de que tudo teve a sua origem da matéria, pois a alma humana, que é espiritual, foi criada do nada por Deus, à sua imagem. Pautados nas orientações filosóficas que o Aquinate nos apresenta, não seria necessário que se estabelecesse um modelo *elementar irreduzível* - como propõe M. Behe - para que se afirme a necessidade da existência de um *Inteligente Design*, uma causa eficiente primeira. Segundo Tomás, o mundo, que é constituído de matéria, foi criado por Deus [De nat. mat., c1 n369/ In I Phys., lect15 n139] e não pressupôs a existência da matéria ou de algum elemento irreduzível para criar o mundo [Comp. Theo., I t1 c69 n118-120], sendo Deus o único princípio de criação [De Pot., q3 a6 sol], criando duas coisas 'uma próxima d'Ele e outra próxima do nada' [STh I q44 a2, sc]. Segundo Tomás, esta tese foi defendida por Santo Agostinho [In II Sent., d12 q1 a4 ad2; In II Sent., d12 q1 a5 sol]. O Aquinate não considera que a matéria foi criada absolutamente informe ou sem forma – ainda que nada impeça de que se a conceba informe no instante da criação, mas informada no instante posterior [STh, I, q.66, a.4, ad.2]– porque embora não tenha sido informada completa e imediatamente pelas formas específicas no mesmo instante de sua criação, foi, pelo menos, no instante seguido, pelas formas elementares, a partir das quais, por mescla, constituiriam a posterior informação específica da matéria, já no tempo sucessivo [In II Sent., d4 q1 a3 sol]. Se tudo o que existiu foi por causa de alguma forma, seria ilícito sustentar que Deus criou a matéria absolutamente informe, mesmo que a forma que Ele comunicou à matéria primeira, no início, tenha sido alguma forma de natureza inferior, a saber, a forma de corporeidade [In II Sent., d.3, q.1, a.1, sol]. Metafisicamente falando, este seria o 'elemento irreduzível' que comprovaria uma causalidade inteligente, já que o complexo irreduzível de Behe os supõe. De qualquer modo, podemos admitir uma informação simultânea no instante da criação e outra sucessiva depois deste instante, já no tempo [De Pot., q4 a2 sol], o que poderíamos denominar *evolução*, e nisso não haveria contradição em supor, desde que se admitissem ao menos alguma informação, naquele instante da criação da matéria primeira. Pois bem, segundo a doutrina do Aquinate não há oposição entre criação e evolução, pois a partir da criação da matéria primeira ocorreram sucessivas transformações, a partir da mescla dos 'elementos irreduzíveis' que geraram outras substâncias. Em nossos dias, tal mudança, transformação ou mutação, em macroorganismos, recebe o nome de *evolução* [José Luís Soares, Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia. São Paulo: Editora Scipione, 2004, p.157]. Nestes termos, a filosofia tomista não vê oposição entre a doutrina da criação e a teoria da evolução, enquanto isso denomina o processo sucessivo ocorrido no interior da matéria primeira, após a sua criação do nada.